


Os Browns levaram Aslynn para Nova York. "Se vamos operar, que seja com os 'figurões'", justificou a mãe, Jill.





Depois de arriscada  
cirurgia para remover  
um misterioso tumor,  
ela agora está...

# Uma graça

POR MARK LEVINE

DA NEW YORK MAGAZINE

**N**O OUTONO de 2002, durante a gravidez, Jill Brown assistiu a um documentário na TV sobre crianças com rostos deformados por tumores. Então ficou imaginando, como qualquer grávida: *E se fosse com meu filho?* Se fosse, decidiu, ela seria capaz de enfrentar o problema. Jill, 25 anos, era uma



dinâmica ex-jogadora de futebol universitário com grandes reservas de paciência. Uma gravidez anterior havia terminado em aborto espontâneo, e ela e o marido, Paul, estavam ansiosos por um resultado melhor desta vez.

**Q**UANDO, em 16 de fevereiro de 2003, Jill deu à luz uma menina saudável pesando 3,5 quilos, eles ficaram muito felizes. O bebê era lindo e cheio de energia. Jill e Paul, que trabalhavam num banco em Iowa, deram à filha o nome de Aslynn. Cerca de uma semana após levar a menina para casa, Jill percebeu uma mancha de um tom vermelho claro na cabeça da filha. O pediatra disse que era um sinal de nascença e que a localização era uma sorte, pois seria oculto pelo cabelo.

Algumas semanas mais tarde, toda a família de Aslynn se reuniu para seu batizado. Por essa época, o sinal de nascença tinha ficado de um vermelho mais escuro e se achava empolado e inchado. Jill, que estava com a filha praticamente o tempo todo, quase não percebera a mudança. Mas notou a reação assustada dos parentes e pediu ao médico que indicasse um dermatologista pediátrico. “Foi aí que começamos a enveredar pelo caminho errado”, diz Jill.

O dermatologista informou aos Browns que o sinal de nascença era um hemangioma, um tumor não-canceroso composto de um bloco de vasos sanguíneos fora de controle. “Ele

disse que deveria desaparecer sozinho quando Aslynn tivesse 8 ou 9 anos.” Para Jill e Paul, que temiam o pior – câncer ou lesão cerebral –, o diagnóstico foi tranquilizador. Mas o tumor continuava a crescer. Logo cobria a parte de trás da cabeça de Aslynn e descia pela porção superior das costas. Era rosa e roxo, com a superfície riscada de veias, e fofo, como uma almofada.

Na biblioteca, um menino gritou: “Isso é a coisa mais nojenta que já vi!” Numa loja, uma mãe aproximou-se de Jill em lágrimas e disse que estava “traumatizada”. Os Browns se preocupavam com o modo como Aslynn seria tratada quando estivesse freqüentando a escola. Eles conseguiram uma consulta com um especialista de renome internacional. O médico foi direto: o tumor tinha crescido demais para ser tratado com esteróides, e era muito profundo para ser removido com *laser*. Uma cirurgia poderia desencadear uma perda de sangue catastrófica, alertou.

*Esgotamos nossas opções*, pensaram os Browns. Mas, desde que Aslynn seja saudável, não importa sua aparência.

Então, em dezembro, o pediatra de Aslynn detectou um sopro no coração da menina. O órgão tinha aumentado por bombear um volume de sangue maior do que o normal, a fim de “alimentar” o tumor. O sangue e seus nutrientes estavam sendo desviados pelo tumor. Aslynn engordara apenas meio quilo em qua-



tro meses, e seu coração estava sendo forçado no limite. Ela teria de tomar dois remédios fortes até que o hemangioma desaparecesse, o que poderia levar oito, dez, doze anos – se ela vivesse tanto.

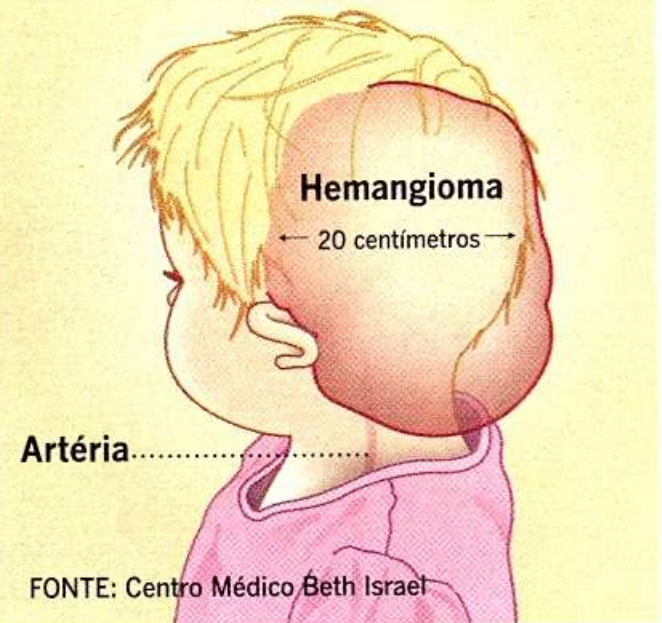
Jill e Paul entraram em pânico. Investigando a doença de Aslynn, a mãe de Paul descobriu um médico em Little Rock, Arkansas, cujo trabalho era dedicado a tratar de anomalias vasculares como os hemangiomas. A Internet estava cheia de testemunhos das habilidades milagrosas do Dr. Milton Waner. Os Browns dirigiram por dez horas em pleno inverno. No consultório do Dr. Waner viram, pela primeira vez, outras crianças com hemangiomas. Na consulta com o médico, este deu uma olhada no tumor de Aslynn e disse: “Ah, esse é dos grandes... Mas posso cuidar dele.”

A cirurgia foi programada para 28 de abril, no Centro Médico Beth Israel, na cidade de Nova York. O Dr. Waner estava de mudança para lá, após ter sido cortejado pelo Beth Israel por um ano. O hospital construíra um centro para tratamento de sinais de nascença em crianças, e o Dr. Waner poderia colaborar com profissionais que, em sua opinião, estavam realizando um trabalho avançado.

OS BROWNS tentaram não deixar que os temores acerca da cirurgia se abatessem sobre eles. Naquela manhã, sentados na lotada sala de espera do hospital, ficaram mais tranquilos

## Aslynn antes da cirurgia

Um tumor (hemangioma) cobria a parte posterior da cabeça de Aslynn, alimentado por uma artéria que debilitava o coração da menina.

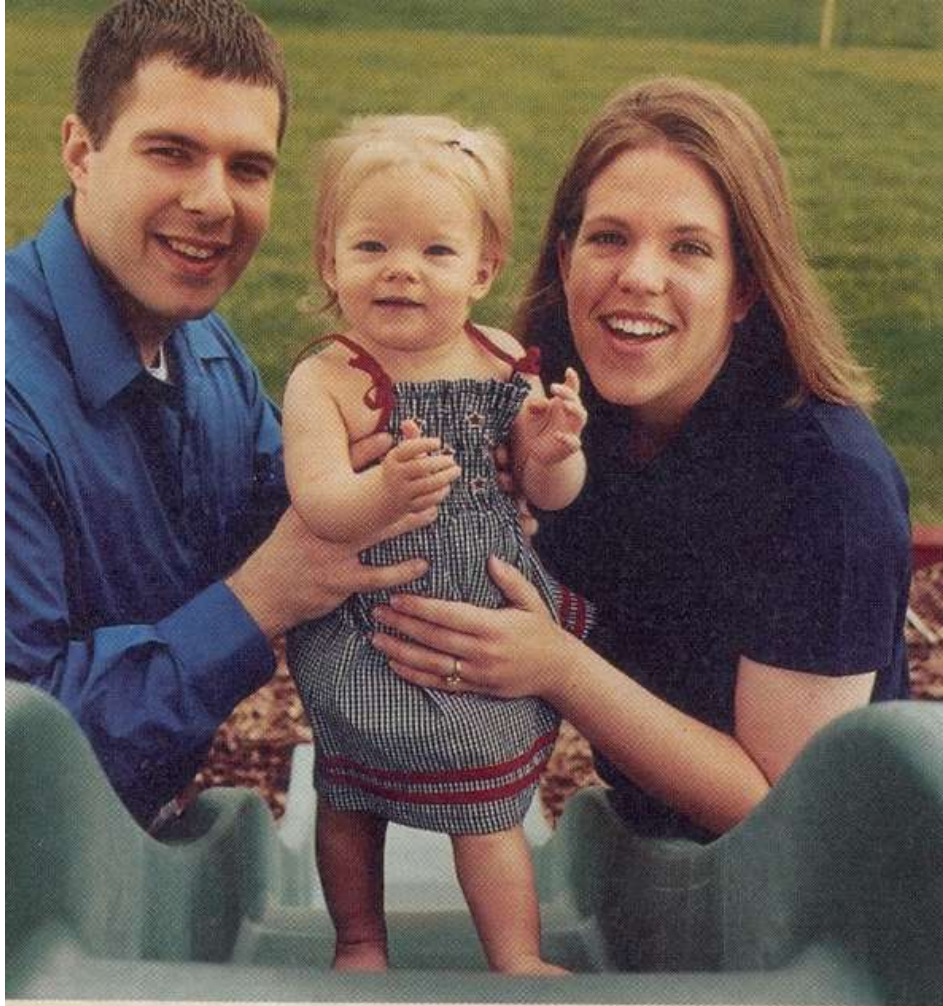


quando, vestindo a roupa do hospital, o Dr. Waner os recebeu com uma calma jovial, como se estivessem se encontrando para um almoço, e não para uma cirurgia com risco de vida.

Aslynn, agarrada ao seu bichinho de pelúcia favorito, um coelho cor-de-rosa, estava com uma camisola que ia até abaixo dos tornozelos. Com fome e confusa, começou a chorar. A enfermeira a levou para a sala de cirurgia.

Agora, a menina estava deitada em uma mesa de aço, na assustadora imobilidade da anestesia, seu corpo de 74 cm e 8,6 quilos coberto por um lençol de plástico e um cobertor. Um grampo no dedão do pé ligava-se a um computador que monitorizava seus sinais vitais. A cabeça se achava parcialmente rapada, e o tu-





**Aslynn com 1 ano e 7 meses. Paul e Jill estão se acostumando com a vida de um bebê saudável.**

mor e a pele em volta dele estavam pintados com uma solução antimicrobiana cor de ferrugem. Um tubo de respiração descia pela garganta de Aslynn, que parecia serena.

Nervosos, Paul e Jill sentavam-se bem próximos um do outro, tentando não olhar para o relógio. O Dr. Waner tinha estimado que a cirurgia duraria cerca de quatro horas. Ele olhou para Aslynn, que estava deitada de lado. Então apalpou e apertou a região, a fim de ter uma idéia do melhor ponto para fazer a incisão, movendo-se com uma cautela que poderia ser tomada por indecisão. “O excesso de confiança é uma receita para o desastre”, ele costuma afirmar.

O médico estava ansioso com o

caso. Ficara acordado até tarde na véspera, estudando uma imagem por ressonância magnética, e despertara antes da aurora, para clarear a mente tocando violão. O tumor de Aslynn localizava-se na vizinhança dos nervos do rosto, do crânio e da coluna, todos com a espessura de um fio de cabelo; qualquer um deles, se cortado, poderia deixá-la paralítica. Também seria necessário muito cuidado para contornar a veia jugular e a artéria carótida. “O pescoço”, diz o Dr. Waner, “é um campo minado.”

Acima de tudo, “o problema é como cortar o paciente e não o fazer sangrar até a morte”. O hemangioma de Aslynn tinha criado uma artéria cujo propósito era desviar sangue de seu coração para o tumor. A artéria, grossa como um canudo, estava roubando metade de seu suprimento de sangue. O médico pediu um bisturi de aço. Colocou a lâmina acima da orelha de Aslynn. Parou. Então aplicou pressão, cortando até o tumor. “Sangrou muito”, ele conta. Mas continuou cortando.

O DR. MILTON Waner foi um pioneiro nos tratamentos para pacientes com problemas vasculares deformadores, geralmente com risco de vida, e é considerado o melhor do mundo.



Ele operou cerca de 4 mil pessoas, muito mais do que qualquer outro.

“Não existe um manual que ensine como fazer essas cirurgias”, diz o Dr. Waner, que nasceu na África do Sul. “Tive de improvisar enquanto adquiria experiência.”

Ele abriu o perímetro do tumor de Aslynn com precisa lentidão e começou a procurar um espaço entre a pele e o hemangioma que lhe possibilitasse cortar os vasos sanguíneos do tumor. Avançando pouco a pouco, finalmente encontrou o que procurava.

– Ótimo! – festejou.

O Dr. Waner estava agora no controle, mas sua sorte podia mudar. Ele sabia que se achava perto da artéria alimentadora. Cortou o tecido de ambos os lados do tumor, até ver seu fim, embaixo da artéria. Inseriu um grampo, interrompendo a linha de fornecimento que vinha abastecendo o tumor de Aslynn e lesionando seu coração.

O maior perigo tinha sido vencido. Após cortar todos os fios que ligavam o hemangioma ao tecido saudável, ele cautelosamente retirou a massa, que parecia uma manga gigante. Depois, aparou e modelou a

pele esticada de Aslynn. Trabalhava como um escultor, fazendo dobras e pregas, descartando os excessos, construindo uma cicatriz que se fundiria naturalmente com os contornos do crânio.

Trabalhou a orelha de Aslynn, curvada pelo peso do tumor, para que voltasse à forma normal. A cirurgia durara oito horas e tinha sido “exaustiva”, admitiu o Dr. Waner. Então deu um passo atrás para examinar sua obra. “Ela está linda!”, afirmou.

Os Browns voltaram para Iowa cinco dias após a cirurgia. Na semana seguinte quase não dava para detectar o sopro no coração de Aslynn.

“Minha filha está outra!”, comemora Jill. “Vive subindo nos móveis e tem uma energia incrível.” O cabelo cresceu sobre a incisão, e a menina não parece se lembrar de ter passado por uma cirurgia.

Jill diz que costuma “elevar o Dr. Waner à condição de Deus”. Ele não gosta de ouvir isso. “Não me sinto confortável com elogios”, diz. Mas jamais um dos pacientes do Dr. Waner morreu durante a cirurgia, e nenhum dos milhares deles deixou de se beneficiar do tratamento.

## FAMA SEM PROVEITO

Meu pai estava nos contando sobre a noite anterior, na qual ele havia tomado conta do bar que o Lions Clube montara para angariar fundos.

– Acabei com quatro caixas de cerveja, duas garrafas de uísque e uma de vodca – disse ele.

Enquanto ele falava, minha avó entrou na sala. Surpresa, perguntou:

– E ainda está de pé?

DOUGLAS BECK, Canadá